

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CRIAÇÃO DA LIGA ACADÊMICA DE SAÚDE INDÍGENA: FORMAÇÃO EM SAÚDE ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL**

Herminia Maressa Silva Henrique  
Yasmin Mayumi Toriba Ribeiro  
Alexander Welker Biondo  
Camila Girardi Fachin

**INTRODUÇÃO:** A formação em saúde no Brasil precisa reconhecer a diversidade sociocultural e as iniquidades do processo saúde-doença, em particular em relação às populações indígenas. Embora tenham havido avanços nas políticas públicas voltados à saúde indígena, o ambiente acadêmico ainda apresenta lacunas relevantes na abordagem das especificidades históricas, culturais e epidemiológicas desses povos. Segundo Jones e outros autores (2019), a educação ocidental na área da saúde colabora com a manutenção de desigualdades, fazendo-se necessária a inserção de um currículo próprio que defenda os direitos indígenas e os inclua no meio acadêmico, contribuindo para a equidade da saúde indígena. Esse cenário reafirma a necessidade de iniciativas institucionais que garantam a inclusão qualificada desta temática na formação universitária e que possibilitem o desenvolvimento de práticas em saúde que sejam mais equitativas, críticas e culturalmente sensíveis. Conforme Zoia e De Assis Souza (2020), a universidade representa um instrumento de reafirmação ética e uma oportunidade de capacitação técnica para atender as demandas de seus territórios. Nesse sentido, a criação de uma liga acadêmica voltada à saúde indígena surge como resposta à falta de espaços formais de discussão e aprofundamento sobre o tema na universidade. Este trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência de criação e consolidação da Liga Acadêmica de Saúde Indígena na UFPR, estabelecendo um espaço institucional que integra os pilares de ensino, pesquisa e extensão, com função formativa na temática saúde voltada para populações indígenas no âmbito universitário, destacando processos de construção, desafios e potencialidades enquanto estratégia de fortalecimento de uma formação em saúde mais inclusiva e adequada à diversidade.

**METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, caracterizado como relato de experiência. A etapa inicial consistiu na problematização das vivências de estudantes do curso de medicina da UFPR, entre debates construídos dentro do projeto PET Litoral Indígena. Esse reconhecimento coletivo das lacunas formativas desencadeou o processo de mobilização entre discentes e docentes comprometidos com a temática. Foram consultadas produções acadêmicas sobre saúde indígena e permanência indígena nas universidades, legislação como a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), e normativas para regulamentar ligas acadêmicas dentro da UFPR. Com base nas etapas anteriores, constituiu-se um grupo estruturante composto por discentes e docentes responsável pela elaboração formal do projeto de extensão. A proposta pedagógica contemplou, ainda, a integração com áreas externas à saúde, como direito, ciências sociais, educação e antropologia, reconhecendo a complexidade e a transversalidade das questões que envolvem os povos indígenas.

Complementarmente, foram previstas atividades de iniciação científica e pesquisa, voltadas à produção de conhecimento sobre saúde indígena a partir de abordagens críticas e decoloniais. Foram promovidas saídas de campo a territórios indígenas e rodas de debate, que aprofundaram a compreensão coletiva sobre as demandas em saúde desses povos e fortaleceram os vínculos entre a universidade e as comunidades. Em junho de 2025, aconteceu a aula inaugural que contou com profissionais atuantes na saúde indígena, como do Distrito Sanitário Especial Indígena Litoral Sul. Em outubro, foi realizada uma aula sobre justiça climática em colaboração com a Unicamp. Em novembro, ocorreu um curso de Medicina Baseada em Evidências em parceria com o Departamento de Patologia Médica. Em 2026, os ligantes tiveram uma aula sobre racismo ambiental com um médico veterinário da UFMG. A liga também colaborou com um evento do Abril Indígena junto ao CEIND (Coletivo dos Estudantes Indígenas UFPR), e construiu um evento com a temática “Violência de Gênero e seus impactos na saúde indígena”, com apoio da Defensoria Pública do Paraná e da Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Equidade (PROAFE-UFPR).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A liga colaborou para a formação de profissionais de saúde mais capacitados, críticos e sensíveis às especificidades culturais dos povos indígenas, promovendo a ampliação do conhecimento sobre saúde indígena entre estudantes e a comunidade, a melhoria da qualidade do atendimento à população indígena, a valorização das práticas tradicionais de cuidado, a produção de materiais educativos e científicos, a redução de estigmas e preconceitos sociais e o fortalecimento da integração entre universidades e comunidades indígenas. A partir desse contexto, a criação da liga resultou em articulações dentro da UFPR, com o apoio de instâncias institucionais, como a PROAFE, o CEIND, o PET Litoral Indígena, e docentes dos departamentos de Medicina e Medicina Veterinária, além de outras instituições como DSEI Litoral Sul, Unicamp, UFMG, Justiça Federal e Defensoria Pública do Paraná. Ao propor uma abordagem interdisciplinar e intercultural, a liga contribuiu para superar modelos biomédicos tradicionais, incorporando dimensões sociais, culturais e ambientais no cuidado. Contudo, desafios como a continuidade das ações, o engajamento institucional e a efetiva participação das comunidades indígenas devem ser considerados para garantir a sustentabilidade do projeto.

**Palavras-chave:** Universidade; equidade; povos originários; decolonialidade.

## **REFERÊNCIAS:**

JONES, Rhys et al. **Educating for indigenous health equity: an international consensus statement.** Academic Medicine, v. 94, n. 4, p. 512-519, 2019.  
ZOIA, Alceu; DE ASSIS SOUZA, Maria Gabriela. **Percepções indígenas Paiter Suruí sobre o ensino superior: busca de sentido a partir de narrativas de estudantes de graduação.** Tellus, p. 81-107, 2020.

**AGRADECIMENTOS:** Universidade Federal do Paraná.